

O menino-poeta que fazia falar até um pé de laranja-lima:

nos 100 anos de José Mauro de Vasconcelos

CIDEHUS.UÉ – Universidade de Évora, Portugal

Comunicação

Porto, 15/01/2021 (via Zoom)

Há cerca de uma semana soube que na Universidade de Coimbra se está a desenvolver um projeto de investigação, inserido num grupo ocupado e preocupado com as questões ambientais, e que foi financiado para estudar de que forma é que os animais e as plantas são retratados em filmes, músicas ou romances sobre a Amazónia.

A investigadora responsável afirmava que "Na literatura há muitas vezes cenas sobre a Amazónia em que as árvores ou os animais falam, e estas produções culturais tentam mostrar-nos como seria o mundo do ponto de vista destes animais e destas plantas". A investigação, informa-nos, vai também estudar mitos e lendas da região "que apresentam os animais e as plantas como seres que são semelhantes aos seres humanos: têm atitudes, vontades e desejos". Como não ter-me logo posto a falar sozinha e a dizer *O Meu Pé de Laranja Lima* e *Rosinha, Minha Canoa*?! Mesmo que os dois romances não se passem na Amazónia... mas a Amazónia não é ela uma parte indelével do Mundo? O seu pulmão?... Eu que li integralmente *O Meu Pé de Laranja Lima* em voz alta, ao vivo, ou em Zoom, ou em gravação que deixei no Moodle aos alunos de Educação Básica neste semestre que termina; eu arriscando, quase intrépida, quase, o ridículo de ler um texto brasileiro com sotaque português; eu que arrisquei voltar às lágrimas em frente à turma, lágrimas que o ensaio de releitura passadas tantas décadas voltaram ao canto do olho, como quando o li, leitora-modelo com os meus 11-12 anos, no então chamado Ciclo Preparatório, hoje 2º Ciclo... fiquei à espera que a investigadora dissesse "o nome": José Mauro de Vasconcelos. Não disse. Ainda. Dizemos nós.

José Mauro de Vasconcelos nasceu em Bangu, no Rio de Janeiro, no dia 26 de fevereiro de 1920. Era filho de um imigrante português e foi criado por uns tios, na cidade de Natal no Rio Grande do Norte. Com 15 anos, José Mauro voltou para o Rio de Janeiro onde trabalhou em diversos empregos para se sustentar, foi carregador de bananas numa fazenda no litoral do estado, foi instrutor de boxe e operário.

Mudou-se para São Paulo, onde trabalhou numa *boîte*. Ainda começou o curso de Medicina, mas abandonou-o. Recebeu uma bolsa para estudar em Espanha e também não se adaptou à vida académica.

José Mauro de Vasconcelos aventurou-se com uma família de garimpeiros numa viagem pelos rios da região do Araguaia e o resultado foi o seu livro de estreia “Banana Brava” (1942), onde relata esse mundo do garimpo da região.

Em 1945, com *Barro Branco* publica o seu primeiro sucesso de crítica. Mas o seu primeiro grande sucesso em número de leitores veio com a obra *Rosinha Minha Canoa* (1962). A obra foi mesmo utilizada no curso de Português na Sorbonne, em Paris.

É em 1968 que José Mauro de Vasconcelos publica o seu maior sucesso, a sua obra-prima, *O Meu Pé de Laranja Lima*, e que se tornou um clássico da literatura brasileira.

José Mauro de Vasconcelos atuou também em vários filmes, entre eles, *Modelo 19* (1950) e *Mulheres & Milhões* (1961) que lhe valeram prémios de melhor ator secundário e melhor ator principal, respetivamente. Escreveu ainda mais seis romances: *Rua Descalça* (1969), *O Palácio Japonês* (1969), *Farinha Órfã* (1970), *Chuva Crioula* (1972), *O Veleiro de Cristal* (1973) e *Vamos Aquecer o Sol* (1974).

José Mauro de Vasconcelos faleceu em São Paulo, no dia 24 de julho de 1984.

Foquemo-nos, ainda que brevemente, na sua obra-prima, *O Meu Pé de Laranja Lima*, tentando não cometer o crime contemporâneo da sociedade-espetáculo dos *spoilers*...

A obra é uma narrativa que podemos dizer autobiográfica que relata a vida sofrida na infância, as longas conversas com um pé de laranja lima, que fica no quintal de sua casa, com os mais velhos que têm uma enorme paciência para o ouvir, curioso, e a busca por mudanças que reponham as injustiças que sente, porque existem, e com as quais não se conforma.

Com cinco (ou seis!) anos (este é um assunto significativo dentro da obra), o protagonista, como qualquer criança deixada à solta, “vive aprontando”, expressão quase eufemística em português de Portugal para designar as asneiras e partidas, de consequências desastrosas para quem as faz e para quem delas sofre. Zezé, como se chama, viaja com a imaginação e leva consigo não apenas o irmãozinho mais novo, o Rei Luís, mas a nós leitores (mesmo adultos), explora a cidade e, sobretudo, os seus cidadãos, descobrindo o mundo e respondendo aos adultos à altura.

Para nós leitores de hoje, jovens ou adultos, talvez o que mais nos impressione sejam as tremendas surras que o inteligentíssimo e sensível Zezé leva dos adultos, ou quase

adultos, da família. Sem dúvida que os tempos eram outros, mas as tarefas doíam da mesma maneira, mesmo que socialmente fossem banalizadas, se não mesmo promovidas para os meninos traquinas. São de uma violência que nos dói a nós também, graças à linguagem (literária, claro) com que José Mauro desenha aquele universo familiar que tão bem conheceu e que deve ter sentido na pele. A perfeição da linguagem verbal, sobretudo no discurso direto que regista conversas e monólogos interiores, inclusive com o recurso em quantidade apreciável aos palavrões naturalmente saídos da boca de uma criança, a transformar as suas sensações e sentimentos, contagiando o leitor, ensinando-lhe o peso e o valor relativos da palavra, e levando-o a quase sentir na pele e no coração idênticas sensações e sentimentos. É a literatura, afinal.

Também não podemos ignorar as referências cinematográficas e musicais da época retratada na obra, os anos 20 brasileiros, um filão para quem queira reconstruí-las. Tal como não ficamos indiferentes, nós leitores estrangeiros, ao costume brasileiro de batizar com nomes próprios ou comuns automóveis (os morcegos) e comboios (o Mangaritiba), com igual naturalidade com que na LIJ encontramos antropomorfizados animais, plantas, rios e montanhas. O pé de laranja lima é o Minguinho ou, ainda mais ternurento, o Xururuca... E aos leitores portugueses interessará particularmente a relação que nasce entre as duas personagens, em que a amizade cresce com contornos de amor filial-paternal, Zezé e o Portuga Manuel Valadares.

Cito a confissão final da obra, em que o caráter memorialístico recentra os episódios destas duas personagens e acorda, confortando, o leitor para o futuro, a salvo, da sofrida personagem que foi e torna a ser pessoa. E uma referência possível ao Príncipe Michkin, o Idiota, de Fiódor Dostoiévski escrito um século antes deste *Meu Pé de Laranja Lima* abre, neste final, abre um filão de possíveis outras leituras da obra. Acaba assim o romance, com o ponto final em 1967:

Os anos se passaram, meu caro Manuel Valadares. Hoje tenho quarenta e oito anos e às vezes na minha saudade eu tenho impressão que continuo criança. Que você a qualquer momento vai me aparecer me trazendo figurinhas de artista de cinema ou mais bolas de gude. Foi você quem me ensinou a ternura da vida, meu Portuga querido. Hoje sou eu que tento distribuir as bolas e as figurinhas, porque a vida sem ternura não é lá grande coisa. Às vezes sou feliz na minha ternura, às vezes me engano, o que é mais comum.

Naquele tempo. No tempo do nosso tempo, eu não sabia que, muitos anos antes, um Príncipe Idiota ajoelhado diante de um altar perguntava aos ícones, com olhos cheios d'água: "Por que contam coisas às criancinhas?"

A verdade, meu querido Portuga, é que a mim contaram as coisas muito cedo. Adeus!

A obra foi adaptada quer para a televisão (três telenovelas em 1970, 1980 e 1998), como já tinha sido para o cinema em 1970 e voltaria a sê-lo em 2012. Em 2003, a obra foi publicada na Coreia do Sul, na versão *manga*, numa edição com 224 páginas que parece ter sido (não consegui verificar a fonte, mas deixo mais uma pista para jovens investigadores) de leitura obrigatória no ensino sul-coreano.

Diz-nos o escritor premiado Luiz António Aguiar, leitor atento de *O Meu Pé de Laranja Lima*, que a crítica erudita não aceitou bem a obra e o enternecimento que causou no público. E cito-o:

Em consequência, não se deu o devido valor a esse importante autor, o que aconteceu também a outros que conquistaram os leitores e a audiência da mídia, mas não a escrita especializada.

Entretanto, a extensa obra de José Mauro de Vasconcelos, principalmente suas ambientações, que com tanta agudeza retratam dramas da sociedade brasileira, e sua galeria de personagens, tão variada, são modelos de composição literária exemplar. Trata-se, é claro, de uma literatura que busca não a inovação formal, típica de parte do século XX, mas um chamamento emocional, empático, do leitor com a obra, bastante valorizado em diversos momentos da história cultural-literária e mesmo atualmente na literatura pop.

*E José Mauro está longe da fórmula água com açúcar. O sofrimento de Zezé – físico e moral, sua solidão, as perdas que sofre – não poupa o leitor. A ponto de transformar a leitura de *O Meu Pé de Laranja Lima* num desafio: quem suporta o padecimento de um personagem que se torna tão querido? E isso sem que José Mauro deixe de nos proporcionar momentos de diversão cristalina: as peraltices de Zezé, sua paixão por personagens e atores do cinema americano, suas brincadeiras, suas tiradas espertas e tantos outros elementos.*

A alegria e a tristeza não poderiam estar mais bem combinadas do que nestas páginas. E isso, se não explica, justifica a popularidade imensa alcançada pelo livro.

Para terminar, regresso à investigadora da Universidade de Coimbra. Patrícia Vieira, de seu nome, e que dizia que o projeto vai permitir confrontar duas visões, e cito, "tanto produções culturais de povos da região, como produções culturais feitas sobre a Amazônia por pessoas que não são da Amazônia". E que esta leitura vai permitir identificar "os pontos de convergência e de divergência".

Para a investigadora há uma diferença muito grande na forma como esta região é representada, porque "a visão do mundo natural de pessoas da Amazônia é uma visão na qual os animais e as plantas não são fundamentalmente diferentes dos seres humanos", partilhando o mesmo espaço e a mesma visão do mundo. Já na perspetiva Ocidental, "os animais e as plantas são objetos de representação. São seres passivos que muitas vezes servem apenas como pano de fundo para a ação humana".

Para nós que nos dedicamos ao estudo da LIJ e à educação literária, quase nos sentimos legitimados a afirmar que toda a matéria que trabalhamos nasceu na Amazônia. Exagero, claro. Mas a experiência de leitura de *O Meu Pé de Laranja Lima* abre-nos possibilidades de relações em que as diferentes instâncias envolvidas no subsistema literário da LIJ – os autores, os ilustradores, os editores, os mediadores, os leitores (que existem e se definem à volta das obras), mas também (dentro das obras) as personagens, os narradores, as ações, os discursos, a gestão dos tempos da ação e do discurso, as perspetivas – tudo isto com que lidamos de cada vez que abrimos um livro e lhe ouvimos a voz para o dar a falar aos nossos leitores literários em crescimento; tudo isto pode muito bem ter como herói inspirador o franzino Zezé desta “história de um meninozinho que um dia descobriu a dor”, escrito em português, em 1968, inspirada numa vida que começou, fez há pouco, 100 anos no Brasil. Pessoa, personagem, autor, Zezé -José Mauro foi, e continua a ser, o menino que ganhou uma roupa de poeta , e ficou lindo!

Patrícia Vieira, a investigadora no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, que tem um Doutoramento em Línguas e Literaturas Românicas da Universidade de Harvard, que se dedica às áreas da Literatura Ibérica e Latino-Americana, Humanidades Ambientais e Ecocrítica, da Literatura Comparada, da

Literatura e Cinema, dos Estudos Pós-Coloniais e da Teoria Literária, não cabe tarefa nada desinteressante e que, parece-me, nos deixará a todos o que aqui estamos com vontade de acompanhar. Oxalá não se esqueça de José Mauro de Vasconcelos. Porque nós aqui, na literatura infantojuvenil, não nos esquecemos.

Muito obrigada.